

Proeza de Boavistão

É CLARO QUE não se trata de uma daquelas repúblicas ex-soviéticas de esquisitos nomes e que revolucionaram a recém-terminada Olimpíada de Manila (Lituânia, Quirguistão, Azerbeijão, Cazaquistão, etc.). Como bem se sabe, o superlativo Boavistão surgiu há poucos anos, quando de uns «brilhantes» excepcionais do futebol do Boavista — histórico clube da Cidade Invicta, que, por curiosa coincidência, tem os escudos do xadrez como fundo da sua emblemática.

Acontece que também neste desporto mental versado nas nossas crónicas, os «quadradinhos do Bessa» ganharam o respectivo campeonato nacional de equipas, esta época e de tal jeito, num plano de supremacia irresistível e com números recordes, que jamais será fácil ultrapassar a proeza.

Pode dizer-se que o Boavista «estragnou» o campeonato — do ponto de vista de competição pelo título — logo na jornada inaugural, ao vencer pelo score máximo (4-1) a nova turma do campeonato nacional António Fernandes, tida como das favoritas e que viria a ser a vice-campeã, a dez pontos e meio do primeiro. Pelo teste seguinte, ao longo das 11 jornadas, foi alternando resultados de 4-1, 3,5-0,5 e nunca abaixo de 3-1 — e o Boavistão terminou com 38,5 pontos, que correspondem à média exacta de 3,5-0,5 por encontro.

Recorde-se que no primeiro Nacional da I Divisão com 12 clubes, o Benfica chegou ao 20,5, mas à custa de algumas faltas de comparecência (na I Divisão de 1987,

Xadrez

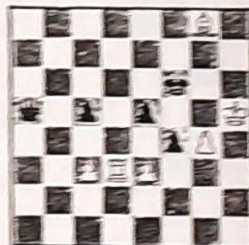
Vasco Santos

o das desistências do próprio Boavista, CDUP e FC Porto, por desinteligências com a Federação. E, por contraste, no ano passado, os três primeiros ficaram distanciados por meio ponto, o Estrelas da Avenida com 33, Boavista, 32,5, Benfica, 32...

O desmiel desta época foi possível por um conjunto de circunstâncias, a principal das quais foi o Boavista ter reunido não menos do que três dos mais cotados xadrezistas portugueses — António Antunes, Rui Dâmaso e Luís Galego, todos acima dos 2400 pontos-Elo FIDE — e ainda outro seleccionado olímpico — José Pereira dos Santos — além do ex-campeão nacional Fernando Silva e o jovem Rui Almeida.

Do lado opositor ocorreu que o CX Guarda nunca pôde dispor do grande-mestre Kevin Spraggen — a disputar no Canadá o respectivo Nacional, ao que nos disseram contando para Zonal do campeonato do mundo do próximo ciclo e cuja tarefa de selecção olímpica — e também Fernando Ribeiro esteve ausente, a disputar um torneio em Cuba. Quanto aos TLP, não puderam contar com Alves dos Santos; aliás, os subcampeões jogaram sempre com os mesmos quatro elementos, o que é invulgar.

Este feito boavistense de reunir sob a sua bandeira o quarteto olímpico não é inédito. Já em 1989 o Benfica teve nas suas fileiras quatro olímpicos de Dubai (Fernandes, Antunes, Fries e Luís Santos), só que se desdobravam na mais brilhante campanha de xadrezistas portu-



Jogam as brancas e ganham (Alexei A. Troitzky, «Chess Studies», 1937)

gueses além-fronteiras (os três primeiros, principalmente, já que os problemas de disponibilidade do quarto mestre se ligavam mais à dinamização do xadrez escolar de Loures) e nunca chegaram a jogar juntos.

Este ano — com um calendário mais favorável relativamente a aquele tempo —, também Antunes e Galego se ausentaram por três semanas em Cuba, mas sem quaisquer problemas de substituição. A equipa boavistense funcionou sempre como uma máquina afinada, cedendo apenas cinco pontos e meio, a maioria em empates.

Minho perdeu lugar na I Divisão

Inverteu-se assim o interesse do campeonato — recaído a maior expectativa na luta pela permanência na I Divisão, praticamente extensiva a metade do elenco, e passando quase despercebido o despique em torno do segundo lugar, já que o Boavista não dava hipóteses. Aliás, os lugares que se delimitaram muito cedo foram o primeiro e o último, este obviamente predestinado à inexperiente equipa da Marinha Grande. Neste último



caso, observou-se uma originalidade, possivelmente só praticável no xadrez. A base da equipa do NX Marinha Grande, que, no Zonal do Centro da época anterior, conquistou o acesso (aliás, o regresso) à I Divisão, cedeu lugar aos jovens — alguns deles campeões nacionais dos seus escalões etários — enquanto os consagrados se reservaram para disputar novo Zonal (já em curso), sob a bandeira do clube-mãe do xadrez da terra — o Sport Operário Marinhense.

Nesta bizarra transferência interna está implícito um desatino que não é de somenos: ganhar o Zonal do Centro-1992 e garantir a permanência da Marinha Grande na I Divisão-93! Bizarras e lúridas. É que, se alguns jovens aproveitaram bem a «modagem» entre os consagrados — e, naturalmente, se o Operário Marinhense conseguiu o êxito da promoção —, na próxima época poderá fazer-se uma junção de antigos e novos, isto é, uma autêntica selecção local, porventura capaz de sustentar o que tem sido uma constante: o sobe-e-desce da Marinha Grande. Tal como Leiria, também os distritos de Viana do Castelo e de Setúbal perderam representação no Na-

cional primodivisionário. O primeiro, imediatamente quanto à próxima época. A AX Setúbal sofreu, de uma assentada, a despromoção de dois clubes filiados — o consagrado Barreirense (quanto classificado nos dois últimos anos) e a Academia Almadense, estreante neste nível. Mas pode ainda recuperar no próximo Zonal do Sul, se bem que tenha de contar com rival de tomor: o Farense, que também deve estar desposto de regressar à I Divisão. Curiosamente, a citada «luta de sobrevivência» teve este ano um vanidoso de luxo: o Benfica. Durante seis rondas, os antigos campeões (agora muito desfalcados) permaneceram na chamada «zona de despromoção», mas na recta final arrancaram imensamente e ainda vieram a partilhar o sexto lugar com o Clube EDP, o qual foi, por seu turno — mais o surpreendentemente regressado FC Porto — grande animador do combate acima do meio da tabela. Refira-se ainda que o Estrelas da Avenida, desfalcado dos seus mestres da época passada, perdeu o título com a dignidade de um campeão lutador. Lisboa conservou, assim, os seus quatro representantes — aos quais se juntará, na I Divisão-93, o Sporting, antigo «campioníssimo», despromovido na época anterior e regressado por via da sua retumbante vitória no recente Zonal Lisboa-Ilhas.

Regresso do CDUP na via Zonal do Norte

Campeão nacional há sete anos — e tendo até participado na Taça dos Clubes Campeões Europeus na Dinamarca — também regressa o CDUP, vencedor feliz

no Zonal do Norte. Uma dramática partida, que durou 100 lances e cerca de dez horas, decidiu a contenda.

Na última jornada, o GD Dias Ferreira venceu os viarenenses do Círculo de Arte e Recreio por 3,5-0,5, enquanto o CDUP passava ao terceiro controlo em desvantagem (1-2) frente ao CX Porto. Faltava concluir a derradeira partida, tecnicamente empatada, o que promoveria os matosinhenses à I Divisão. Uma jogada apenas, simples, que Alvaro Brandão (das «dedicações» do meiodécimo CXP) falhou, deixando cair, antes, a seta do relógio, perdendo por excesso de tempo (alguns segundos) de reflexão!

CDUP e CX Porto empataram, assim, 2-2, os universitários totalizando 11,5 pontos, tantos como o GD Dias Ferreira, mas este com inferior coeficiente de desempate, a desperdiçar a melhor oportunidade de sempre de subir à I Divisão. O que, diga-se de passagem, seria justo prêmio pela sua obra de fomento da modalidade, essencialmente nas camadas jovens e de femininos.

De qualquer modo, a AX Porto volta a ter três clubes primodivisionários — e encara o futuro com optimismo, porquanto tem ainda, para a próxima corrida, o Labirinto, recém-lançado com «excepcionais» do Boavista e este ano já guindados à I Divisão distrital.

Portanto, certos já no Nacional maior de 1993 estão: Boavista, FC Porto e CDUP (do Porto); TLP, Estrelas, Benfica, Clube EDP e Sporting (Lisboa); CX Guarda (único do Interior, Beiras) e Riomainense (Santarém, Ribatejo). Falta apurar um representante do Centro e outro do Sul. Promete...



adrez do porto **associação de xadrez do porto** associação de xadrez do porto as
pelo xadrez no dialecto desportivo do homem comum

Classificação final:-

	Pontos	Desemp.
1a. BOAVISTA F.C. / NICANOR	38,5	-
2a. C.C.D.T. T.L.P./LISBOA	28	-
3a. GRUPO DE XADREZ DA GUARDA	27,5	-
4a. C.R. ESTRELAS DA AVENIDA	25	-
5a. FUTEBOL CLUBE DO PORTO	22,5	-
6a. SPORT LISBOA E BENFICA	22	430,5
7a. CLUBE PESSOAL E.D.P./LISBOA	22	405,5
8a. CLUBE RIOMAIORENSE	20,5	-
9a. ACADEMIA ALMADENSE	18,5	339
10a. FUT. CLUBE BARREIRENSE	18,5	327,25
11a. VIANA TAURINO CLUBE	17	-
12a. S.O.M. - N.X. MARINHA GRANDE	4	-

Obs.: - As quatro primeiras e as quatro últimas jornadas, realizaram-se " em compacto ", de 4 dias, nas instalações do BANCO NACIONAL ULTRAMARINO, sitas na Avenida 5 de Outubro, em Lisboa.
Estes jogos " em bloco ", organizados em Lisboa, englobando alguns dias da semana, ditos de trabalho, prejudicou alguns grupos que não pertencem à área da Grande Lisboa, dado os xadrezistas que compõem esses clubes serem completamente amadores. Convém em realizações futuras, tomar em consideração este pormenor.

VF/ 28/06/92.

NOME	NUMERO JOGADOR	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Pts.	Des.	Class.
FUTEBOL CLUBE DO PORTO		1,5	2	3,5	3,5	1	2,5	0,5	4	1,5	1,5	1										22,5		5º
CLUBE RIOMAIORENSE		2,5	1,5	1,5	3	3	0,5	1,5	0,5	3,5	2	1	1,5									20,5		8º
GRUPO XADREZ DA GUARDA		2	2,5	2	2	1	1,5	3	4	4	4	3	2,5									27,5		3º
C. PESSOAL E.D.P./LISB.		0,5	1	2	3	0	1	1,5	1,5	4	2,5	3	3									22	195,5	7º
VIANA TAURINO CLUBE		0,5	1	2	1	1	0,5	2	2,5	2	3	1,5										17		11º
BOAVISTA FUTEBOL CLUBE		3	3,5	3	4	3	4	3	4	3,5	4	3,5										38,5		1º
C.C.D.T.RAB. T.L.P./LISB.		1,5	2,5	2,5	2,5	3,5	0	3,5	3	4	2,5	2,5										28		2º
SPORT LISBOA E BENFICA		3,5	3,5	1	2,5	2	1	0,5	3	2	2	1										22	195,5	6º
S.O.M.-N.X.M. GRANDE		0	0,5	0	0	1,5	0	1	1	0	0	0										4		12º
F. C. BARREIRENSE		2,5	2	0	1,5	2	0,5	0	2	4		2,5	1,5									18,5	227,25	10º
ACADEMIA ALMADENSE		2,5	3	1	1	1	0	1,5	2	4	1,5	1										18,5	339	9º
C.R. ESTRELAS DA AVENIDA		3	2,5	1,5	1	2,5	0,5	1,5	3	4	2,5	3										25		4º